

Igreja faz a defesa de uma união nacional

São Paulo — O secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), dom Luciano Mendes, disse, no início da madrugada de ontem, que a Igreja espera que o País permaneça unido diante do falecimento do presidente Tancredo Neves, como esteve durante o seu período de agonia, para que possam ser realizados os anseios e as mudanças que a Nação deseja, especialmente das classes mais desfavorecidas.

O cardeal arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, pediu que os sinos de todas as igrejas de São Paulo repicassem durante a passagem do cortejo que levou o corpo do presidente da República até o aeroporto de Congonhas.

Dom Paulo solicitou ainda a todos os padres de São Paulo que convidassem os fiéis a orar no decorrer do dia de ontem.

O cardeal gaúcho, dom Vicente Scherer, disse, em Porto Alegre, que a notícia do falecimento do presidente Tancredo Neves, “apesar de alguma maneira esperada, abala profundamente a todos os brasileiros, face às esperanças que estavam depositadas em sua pessoa e pelo que a doença havia suscitado em todos os corações”.

Disse ainda o religioso que pediu a Deus pela alma do Presidente, tão logo soube de sua morte, “e também rezo pelo Brasil, para que a situação criada tenha uma feliz solução”. Comentou dom Vicente Scherer que muitas preces pela saúde de Tancredo Neves foram feitas na procissão à gruta da Glória, ontem à tarde, da qual participou, “mas sempre de aceitação dos designios de Deus”.

“De repente, nos sentimos órfãos de um grande pai que nos ensinou tanta coisa através da sua vida e, no seu final, pela sua enfermidade, suportada com tanta paciência, acompanhada pela dor de todos brasileiros”, disse em Belo Horizonte o arcebispo dom João de Resende Costa.

“Como bispo e amigo do presidente Tancredo Neves, eu o vejo como um homem de fé. Tancredo Neves, realmente, era um cristão de verdade. Esse homem de fé se caracterizava por um grande espírito de abertura para enfrentar os problemas com coragem, otimismo e resolvê-los, com um grande espírito de conciliação”.

“Ele era um homem que procurava não irritar — explicou o arcebispo metropolitano — nem uma parte nem outra, procurava aparar as arestas dos antagonismos e somar esforços para construir algo de positivo. Ele teve este grande dom de ser um conciliador”.